

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO:—SECÇÃO DOCTRINAL: *Discurso recitado na Associação da Mocidade Catholica do Porto, no dia 26 de março*, pelo rev.^{mo} Padre Benvenuto de Souza;—*Avante pela religião*, pelo ex.^{mo} snr. Luiz Carlos Brandão.—SECÇÃO CRITICA: *Biblia*, pelo ex.^{mo} snr. Alves d'Almeida.—SECÇÃO HISTORICA: *Madame de Maintenon e Pedro de Soto*, pelo rev.^{mo} snr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—SECÇÃO LITTERARIA: *A Milicia Christã*, (2.^a parte), pelo rev.^{mo} snr. dr. José Rodrigues Cosgaya;—*Os Anjos da Caridade*, pelo ex.^{mo} snr. Alves d'Almeida.—SECÇÃO ILLUSTRADA: *Nossa Senhora das Dores*;—*Sermão da Montanha*.—RETROSPECTO.

Gravuras: *Nossa Senhora das Dores*;—*Sermão da Montanha*.



NOSSA SENHORA DAS DORES

SECCÃO DOCTRINAL

Discurso recitado na Associação da Mocidade Catholica do Porto, no dia 26 de março, pelo rev.^{mo} Padre Benevenuto de Souza

Reverendissimos Padres.
Minhas senhoras,
Meus senhores:

ACABA o benemerito presidente d'esta associação de fazer a minha apresentação á assembleia, que decerto pela vida obscura que tenho passado não me conhecia; acaba de me honrar com benevolentes referencias, com lições expressões; pois pela sua obsequiosidade e gentileza, aqui faço patente o meu profundo e sincero reconhecimento com o protesto solemne de que sempre me esforçarei por corresponder ao conceito em que me tem.

Senhores: Surprehendeu-me, e confundiu-me o convite que se me fez para eu dirigir a palavra.

Confundi-me porque o achava em extremo honroso para a minha pobre e humilde pessoa, surpreendeu-me porque nunca pensei que missão tão difficil me seria confiada, que me acharia um dia, no uso da palavra, no meio de vós, n'uma assembleia tão illustre quanto selecta, no seio d'uma associação que na sua curta existencia conta já relevantes serviços á Religião, e tem dado grande impulso ao movimento religioso d'esta nobre e bella cidade, e do paiz.

Devo dizer-vos que o acceitei hesitante e a medo por me faltar a sciencia e auctoridade precisas; mas com muito prazer por se me offerecer uma bella occasião de estreitar irmãos queridos, de conhecer catholicos praticos, homens de acção, eminentes pelas suas virtudes, e sciencia, já com longa lista de serviços á Egreja; mas com pura e grande satisfação por se me prestar ensejo de vos dizer o que minha alma sente, o que desejo, o que penso, o que quero—desculpae-me o termo—a respeito do grande movimento catholico que é necessario operar, que urge despertar, desenvolver, e imprimir no nosso paiz, do papel social que nos incumbe desempenhar no actual momento, que é todo de acção.

Aqui me tendes.

Vou fallar: e não espereis de mim phrases primorosamente limadas, termos arrebicados, palavras sonoras, que só produzem effeito momentaneo, e de pouca duracão.

Palavras francas, palavras sinceras, palavras singelas, são as que vos direi.

Se alguma eloquencia tiverem, vem-lhes do coração, que não do cuidado com que foram preparadas.

Vou fallar; e do principio ao fim não farei senão um appello ardente, caloroso, entusiasta á acção catholica na mais larga escala.

Vou fallar, e—como vereis—farei o possivel para soprar em vossas almas a flamma do apostolado social, para vos decidir a amar e abraçar a democracia christã, para reanimar o vosso entusiasmo pelas grandes, santas e nobres causas.

Aqui me tendes pois.

Oh! Deus, Deus santo, Deus bom, oh! Immortal padroeira d'esta bella e nobre cidade, se é justo, se é santo, se é nobre o fim que aqui me trouxe, fazei que as minhas palavras communique calor e vida a estas almas, aos que me escutam, para que d'aqui saíam todos inflammados em santos desejos, nutridos com firmes e inabalaveis propositos de empregarem seus talentos, tudo o que são e possuem na defeza da Justiça, da Verdade, e do Bem, resolutos a affrontar todos os perigos, a saltar por cima de todas as difficuldades, a vencer todos os obstaculos, a nunca *esmorecer* na grande lucta que é preciso sustentar contra inimigos terriveis, a serem todos acção e movimento.

Meus senhores:

Não basta que Jesus Christo viva nos templos e claustros, é necessario que viva e reine nos palacios da industria, nas officinas, nos campos, nos grandes centros, em toda a sociedade.

Para chegar a este desideratum, que deve ser o supremo desideratum, a aspiracão suprema de todo o coração catholico, ha um meio prompto, senhores: é ir ás classes trabalhadoras, ao pobre e ao pequeno, que no dizer de Brunetiére tem fome de ideal e de Religião, e no de Julio Simon tem a nostalgia do divino.

Não basta ainda o bem que fazemos dentro das Egrejas, no seio das associações, no interior das casas de caridade, nos hospitaes e azylos, nas nossas casas de educação; é necessario escolher outro terreno, entrar n'outro campo, no campo social, e ahi luctar contra a injustiça com a bravura com que luctaram em Castelfidaldo os soldados do Papa, com que combateram em Jerusalem os Cruzados, com que na hora presente luctam e combatem em França, Italia, Allemanha, os democratas christãos.

E' necessario ir ao povo, aos pobres e pequenos, levar-lhes as noções da sociedade, dos seus direitos e deveres, da familia, da propriedade, do trabalho, da lei, da associação.

Ir ao campo social, ministrar ensino social, fazer obra social é na hora presente, um «dever de consciencia» — *Mons. Radini Tedeschi*—, principalmente de nós os padres.

Mas se n'esta cruzada sós pouco ou nada podemos, contamos convosco, briosa e valente mocidade.

Sêde os nossos auxiliares, trazei-nos a vossa cooperação, o concurso da vossa intelligencia, a actividade.

Nós vos amamos. Contamos convosco.

Em todos os tempos a mocidade foi cara ao coração dos sacerdotes.

Quem diz mocidade, diz encanto, diz graça, diz belleza, diz intelligencia, benevolencia e generosidade, esperanza e amor, ardor e valor, coração largo, convicções quentes, lealdade, horror á cobardia; e tudo isto é preciso para a obra que vamos emprender, para a magnifica obra da regeneração social e religiosa da sociedade.

Entre nós e os ignorantes, e os sectarios, e os ociosos, ha um muro bem alto, queremos encostar-lhe uma escada, e saltal-o; para esta empreza contamos convosco.

Sem sangue novo, estas e outras operações não se poderão com bom exito, levar a cabo.

Eu creio na mocidade; e d'ella faço depender o futuro da sociedade.

Um moço, meus senhores, — tenho pena que estas ideias não se tenham comprehendido ha mais tempo — um moço não precisa só ter piedade, frequentar os sacramentos, cumprir com as leis de Deus e da Egreja — «E' uma dôce e commoda illusão, diz o *abbate Naudet*, pensar que no dia em que todos os homens cumpram o dever pascal, a sociedade será salva» — precisa mais, precisa defender a Justiça, proclamar a Liberdade, e a Verdade precisa pensar nos outros — «os outros! pensae nos outros, meus filhos!» Dizia uma piedosa mãe, e d'esta maneira conseguiu dar-lhes primorosa educação — precisa servir o povo, defender o povo, e, se necessario fôr, morrer pelo povo, precisa abrir o espirito a todas as ideias do verdadeiro progresso moderno.

Mas a acção não pode ser efficaz, nem fecundo o zelo, nem fructifero o trabalho, sem principios certos, sem ideias justas.

«E' bom obrar; mas é necessario saber antes em que sentido, e por que meios. E' bello caminhar, mas convem saber primeiro para onde, e quem nos conduz».

Impõe-se primeiro do que tudo a creação d'um *Circulo christão de estudos sociaes*.

Foco de luz, illuminará as intelligencias, fonte de pura doutrina des-

sedentará os espiritos que tiverem sêde de Verdade, escola pratica ensinará, á luz da encyclica *Rerum novarum*, a manejar com destreza as armas contra o erro e a mentira, a desconfiar dos que de tudo querem questionar, dos que querem arruinar o existente; ensinará a conhecer as reformas concretas, as questões economicas, sociaes, historicas, moraes, e até mesmo politicas, formará oradores que com *convicção e firmeza* (sem uma coisa e outra, nunca a acção catholica terá importancia) não duvidarão defrontar-se com os Gnecos e Judicibus, inspirarão emfim grandes obras para o levantamento do nivel moral e intellectual da sociedade.

E' indispensavel crear esta obra porque o ensino ministrado nas nossas casas de educação é insufficiente, não corresponde ás necessidades da epocha presente.

Os nossos jovens sahem de lá sem saber responder ás objecções, ás mil mentiras, e erros, que todos os dias contra Deus e sua Igreja, se forjam e propagam no jornal, no theatro, no café, no club, no parlamento, e conversas particulares.

Sahem de lá, fortes pela vontade, pelo caracter, pelo desinteresse; mas fracos pela sciencia; mas sem elementos para conjurar a crise moral que é tão grande como a economica; sem habitos de iniciativa, sem luzes para guiar os passos do grande mundo do trabalho.

Seus mestres fallam-lhes é verdade dos vultos proeminentes da antiga historia; mas passam em silencio os nomes tres vezes gloriosos de homens como Mons. *Piè, Fréppel, Dupanloup, Manning*, e outros, que se votaram d'alma e coração á orientação da sociedade do seu tempo.

Fallam-lhes das heresias que perturbaram a Igreja, e nenhuma referencia fazem, ou pouco dizem do racionalismo, naturalismo, individualismo, socialismo, maçonaria, os grandes erros dos tempos modernos.

Citam as obras dos grandes revolucionarios, e callam as dos apologistas catholicos.

Esta lacuna, preenche-a perfeitamente o *circulo christão de estudos sociaes*.

Para a criação d'esta obra podia servir de modelo o *Circulo de estudos de Farbes*.

Tem sua sêde na escola dos Irmãos, rua de Pau.

D'elle diz, M. l'abbé *Sylvain Tujan*: é difficil dar conta do ardor, intelligencia, e nobres sentimentos que seus membros mostram na defeza das verdades religiosas, e sociaes.

Se não receiasse cançar a assembleia

diria a maneira como funciona esta obra hoje tão florescente.

Todas as segundas-feiras um missionario do trabalho forma uma objecção contra a fé, os costumes, a sociedade, quasi sempre tirada d'um discurso nas camaras, d'uma brochura popular, d'um cartaz, d'um jornal radical.

Na semana seguinte, na presença d'um irmão, um dos membros mais intelligentes faz a refutação, e n'essa occasião qualquer dos assistentes pode fazer uso da palavra, para pedir explicações, formular mesmo outras objecções.

Se succede que para dar uma resposta cabal, o orador não está habilitado, vem em seu auxilio o missionario ou o irmão.

Por esta forma, meus senhores, teem-se lá defendido as mais bellas theses da doutrina catholica, e tem-se combatido a má imprensa.

La Dépêche, o jornal mais impio da França meridional, marcou o este circulo com o ferrete de *infame jornal*.

Depois dos Circulos, venha a acção efficaz, a acção pratica, a acção séria, venham as *Conferencias populares*.

Uma grande parte do nosso povo, meus senhores, para a sua miseria ser maior, não crê, ignora, e odeia; tem o espirito corrupto — «o grande mal dos obreiros na hora presente é a corrupção do espirito» — *Lettre de M. Léon Harmel* au R. P. *Doyotte* — mas eu estou certo que se em toda a parte se organisassem *Conferencias populares* se em toda a parte se exercesse com intelligencia, simplicidade, praticamente, e sem abstracções, este novo apostolado, se para esta forma se admittisse o pobre povo ao banquete da sciencia, facilmente se attrahiria para o bem; bem depressa cahiria a barreira que separa os homens cultos dos que o não são, e se desarmariam todos os odios.

(Conclue)

Avante pela religião

Virá tempo em que os homens não poderão soffrer a sã doutrina; e que atadigando-se por ouvir o que os lisonjea, recorrerão a uma multidão de doutores, capazes de satisfazarem aos seus desejos; e tapando os ouvidos á verdade, os abrirão a contos e a fabulas. (2.ª v. Thm. c. 4 v. 3 e 4)

É uma prophecia plenamente realisada; e a grandeza da religião christã completamente demonstrada, no fim do seculo XIX, seculo em que a descrença e a ignorancia dos homens

julga supprimir a religião, como se o edificio da santa e veneravel religião catholica fosse uma empreza puramente humana, como se a moral christã estivesse sujeita aos delirios e ás paixões dos impios. Trabalha a besta infernal com uma audacia atroz; trabalha a imprensa jacobina sem criterio e sem vergonha, não obstante trabalhar a descrença com suas paixões e vicios criminosos, que são a base fundamental da libertinagem, trabalham esses algozes vis e repellentes assalariados por essa turba infame, dirigida pelo inferno, e parece que as potencias infernaes se apostaram com esse tetrico e asqueroso antro para sepultar no mar tenebroso do esquecimento e da desordem a religião do Divino crucificado. Nunca Satanaz, nosso cruel inimigo, e adversario declarado da nossa bemaventurança trabalhou tão descaradamente como trabalha hoje sua predilecta instituição, a maçonaria. Mas não é só este inimigo que temos a combater; ha outro mais sagaz mas mais hediondo, mais simples mas ainda mais terrivel, mais mudo mas mais atrevido e insolente. Este ultimo inimigo é a ignorancia.

A ignorancia é esse monstro horrendo que corre por todas as partes e só acha abrigo n'aquelles que ou se não dão ao trabalho de averiguar os factos que impugnam, ou então voluntariamente a recebem porque lhes faz conta para viverem mais tranquillos á sombra d'aquelles erros que lhes impingiram, e assim não se incommodam; o fim d'elles é ignorar ou mentir para obedecerem ao seu impio mestre Voltaire, esse monstro horrendo da humanidade, essa chaga do seculo passado, esse innovador da impiedade que, dando por maxima, ou por lemma a mentira dizendo (*menti, menti*), elle mesmo se desmentiu muitas vezes. Mas esse desgraçado morreu, e outros como elle tambem morreram e hão-de tambem morrer os seus companheiros na impiedade. Mas a religião santa, filha de Deus, esposa de Jesus Christo, essa pomba mansa não morreu, não morre, nem ha-de morrer; triumphou e ha-de triumphar sempre d'essa turba deshumana. Ha-de-lhes servir sempre de pedestal para maior tormento dos seus inimigos, mas vós soffreis os escarros nojentos e envenenados que procedem d'esses corações immundos; é a vossa obrigação.

N'este seculo de trevas que vamos atravessando, todos aquelles que desejarem servir sinceramente a Jesus Christo devem-se antecipadamente fortificar na fé. E' preciso que se acatelem dos assaltos com que por todas as partes se quer accometer a nossa santa religião, d'esse espirito philoso-

phico, que parece querer estabelecer-se nas ruínas da moral christã.

Hoje mais que nunca é necessario bradar bem alto: Fóra com a maçonaria! Fóra com a propaganda protestante! nada de medo; não temos que temer; temos simplesmente de olhar pelos costumes que nossos antepassados nos legaram e que são a divisa do genuino povo portuguez. Satanaz, antigo pae da mentira, que, como diz Santo Agostinho, umas vezes como cão furioso ataca a cara descoberta; cutras, como astuta serpente, arma ciladas á simplicidade e á innocencia, educou em quasi todos os estados discipulos, que seguindo o seu exemplo, empregam ao mesmo tempo o atrevimento e o artificio contra o que temos de mais sagrado,—a religião. Existem entre nós escriptores disfarçados que, testemunhando o mais profundo respeito ao Evangelho, ao mesmo tempo procuram arruiná-lo pelos fundamentos. A licença do espirito veio apoiar-se na dos costumes. Entram em problema as verdades mais claramente demonstradas; decidem tudo com uma ousadia assaz incrível, da qual não ha exemplo nos seculos anteriores. Tudo é materia, dizem uns: a opinião dos espiritos não é mais que um prejuizo de educação. O ser supremo todos os dias recebe da parte dos culpaveis mortaes as maiores injurias. Um confunde-o com a materia; outro, confessando que é espirito, representa-o como um ser insensível ás injurias que lhe póde fazer a creatura, como um ser froixo que entrega o homem ao capricho sem lhe prescrever leis, e sem querer que elle o venere, olhando com a mesma indifferença para o incenso que a superstição offerece aos idolos, como para o que a religião faz queimar ao pé dos seus altares. Minam-se insensivelmente os alicerces da sociedade quando se trata a subordinação por barbaro direito, a obediencia de fraqueza, e a auctoridade de tyrannia.

Appellidam-se com estoica ostentação cidadãos do mundo, para se esquecerem das obrigações particulares de patriota, de Pae, de marido e filho, a distincção de bem, e do mal, da virtude e do vicio, do verdadeiro e do falso; é tudo desprezado como um prejuizo dos nossos avós. Outr'ora o demonio disse aos nossos primeiros paes, pela bocca da serpente: vós sereis deuses: em nossos dias muito mais atrevidos, diz pela bocca do impio: vós sereis animaes; acabareis como elles; a vossa alma terá o mesmo fim que o corpo, não tendo outro fim mais do que, permittir o modo, como os homens hão-de viver, concedendo-lhes a mesma morte, já que uma é consequencia da outra. Nunca, em nenhuma escola pagã se

ensinou que os prazeres dos sentidos eram o unico objecto dos desejos do homem. O mais relaxado de todos os philosophos profanos tinha mais superiores ideias que as dos actuaes impios. Epicuro sustentava tenazmente que ninguem podia viver gostosamente, senão vivesse sabiá, honesta, e justamente.

Ingratos! não sabem que revoltando-se contra a santa religião atacam sua mais terna e carinhosa bemfeitora! Sem a luz do seu divino fogo que seria do genero humano? O mesmo que era antigamente: um cháos de erros e illusões.

Os livros correm por toda a parte; introduzem-se nas cidades e em todos os legares. Todo o mundo lê a peçonha encoberta com o véo da profana eloquencia. Passam de nação em nação, de um reino a outro. Pretendem fazer um novo Evangelho, uma nova fé.

Põe-se um fundamento totalmente diverso d'aquelle que solidamente se havia instituido; assim fallava S. Bernardo das desordens do seculo. Qual seria a sua linguagem n'este seculo de destruição?

A heresia no seculo d'este santo doutor impugnava a religião só em alguns dos seus dogmas; mas a maçonaria, hoje absolutamente mais atrevida, quer arruiná-la; filha da antiga serpente, emprega a arte mais ardilosa para inspirar nos povos as suas revoltosas maximas. Urge portanto salvar a patria d'essa corrupção. O governo, ao mesmo tempo que tem obrigação de velar pelos interesses materiaes do paiz e pelo seu desenvolvimento intellectual, tem simultanea obrigação de vigiar que se não propaguem doutrinas falsas ou erroneas; para isso está no logar supremo e quem tem o commodo deve cumprir os deveres do seu estado, isto é, deve ter os incommodos prevenientes do seu officio; e se não tem forças demitta-se do cargo. O povo tem direito a que se lhe subministre uma doutrina sã, d'onde lhe venha illustração, e não uma doutrina falsa. Mas, dirá alguém, da mesma forma que os propagadores da doutrina falsa arranjam quem os siga, porque lhes não prégam uma doutrina verdadeira que melhor os convencerá? E' verdade, mas é preciso saber que hoje estamos n'um tempo tão desgraçado, que o homem inclinado aos prazeres e ao descanso facilmente usa essa doutrina que sómente tem prestimo para o tempo actual; é commoda, e como tal facilmente a recebe o vulgo ignorante; mas apparecendo esses propagandistas protestantes com os seus livrinhos dizendo: que Jesus Christo, é o nosso principio de salvação, (e dizem bem

n'este ponto) que já fez penitencia por nós; que uma vez redimidos ficamos aptos para entrar no ceu sem mais um apice da nossa parte, e que basta invocar o nome de Jesus para se salvar, e que é o bastante ter fé e outras d'este quilate. Está claro que o povo indolente e grosseiro, e aquelles que não estão resolvidos a mortificar o seu corpinho delicado, exaltam até ás estrellas a doutrina dos protestantes. Mas isso é regra; nunca hereje nenhum se apartou da Igreja para se mortificar mais, mas sim para viver á redea solta. Prégassem elles uma doutrina mais apertada que a dos catholicos, e n'esse mesmo dia acabava a palhaçada protestante; e eis ahí a razão porque apanham nas suas rédes algum povo; é esse o motivo porque os libertinos mais se agradam do protestantismo.

Mas as auctoridades dormem o pernicioso somno da indifferença, e quando menos se pensar temos uma pendencia religiosa, tudo por culpa dos homens d'estado, que ou não sabem, ou não querem velar para que se não propaguem doutrinas hereticas, pois está bem expressa a lei no art. 130.º do Cod. Pen. de 1886. Mas deixemos isso que é malhar em ferro frio. Pois se até desgraçadamente somos obrigados a admittir a sua estada nas nossas colonias africanas, em consequencia de tratados internacionaes com a Inglaterra! Pobre Portugal, ao que chegaste! Mas do mal o menos. Já que somos obrigados a tel-os além-mar, expulsem-os ao menos do continente, porque d'outra forma mais tarde talvez se arrependam, e sem remedio.

Que diremos d'essa infernal sociedade secreta, verdadeiro bordel cheio de immoralidades, que estão fazendo espantosa propaganda, já nas conversações domesticas, já pela imprensa impia, emfim por todos os meios ao seu alcance para arrancarem do coração do povo todas as crencas christãs e para o tornarem um vil escravo, das suas sinistras e diabolicas aspirações? Para melhor illudir os incautos, afivela ao rosto exercendo a mascara da hypocrisia, pretendendo passar por uma sociedade benemerita da humanidade, occultando os seus malevolos intentos, as suas doutrinas revolucionarias contra a ordem moral e social. Ella é a mais infame sociedade que ha 58 seculos tem apparecido. O seu ideal cifra-se em prestar culto a Satanaz e formar a grande republica universal maçonica; o seu fim particular é aniquilar a religião catholica e toda a ideia christã. Além d'isso, na sua doutrina entra tudo ou quasi tudo que os herejes profiriam, mas especialmente o que ensinavam Cleobulo, os Basilianos, Cainianos, Selencianos, Pelagianos, Dolcinis-

tas. Portanto o que é necessario é não descuidarmos este importantissimo negocio; exige-o em primeiro lugar a honra de Deus, e a nossa salvação, exige-o a educação da mocidade, exige-o a geração futura, finalmente exige-o a gloriosa tradição dos nossos antepassados para nos não accusarem de cobardes e de traidores, quando elles derramaram o seu sangue pela defeza da patria e da religião. E nós sem crime não podemos ficar n'esta apathia.

Guerra á maçonaria, guerra de morte a esses antrós, nada de commiseragões com tal gente, porque quem serve ao mau, arrisca-se á sua ferocidade; porisso vamos a trabalhar sem medo, porque não ha razões para temer; o campo por enquanto é nosso; hoje ainda é temp. amanhã não sabemos. Avante pela Religião!

LEUZ CARLOS BRANDÃO.

SECCÃO CRITICA

Biblia

(Continuedo de pag. 78)

REXAD. Filho de Sem, filho de Noé. Foi pae de Salé. Viveu 435 annos.

ARIMATHIA. E' o nome da cidade d'onde era José chamado d'Arimatheia, homem rico e poderoso que, tendo pedido a Pilates e Corpo de Christo para lhe dar sepultura, o sepultou, ajudado pelo Sacerdote Nicodemus, n'um jazigo de pedra que havia mandado fazer para si e sua familia, mas que ainda não tinha servido. V. *Nicodemus*.

ARIOCH. General de Nabucodonosor. Quando este Rei quiz saber a explicação d'um sonho, que lhe havia esquecido, não lh'a tendo os magicos e adivinhos do seu imperio podido dar, por não saberem o sonho, ordenou a Arioch que fizesse perecer todos os sabios de Babilonia, o que tendo sabido Daniel, se fez apresentar ao Rei e lhe explicou tudo quanto elle queria saber, dizendo: «Tu, ó Rei, viste no teu sonho uma estatua enorme com a cabeça d'oiro, o peito e os braços de prata, o ventre de cobre, as pernas de ferro, e os pés de barro e de ferro. E quando tu mais maravilhado attentavas n'ella, eis que uma Pedra rolou d'um monte, a qual, vindo-lhe dar nos pés, a fez em pedaços, tornando-se ella, isto é, a Pedra, n'um grande Monte que se estendeu por toda a terra. Este foi o teu sonho, ó Rei, e a sua explicação é esta: Tu és a cabeça d'oiro da estatua. Depois de ti, porém, se levantará outro reino menor do que o teu, que será de prata;

depois d'este, outro, que será de cobre, e mandará em toda a terra, e depois d'este, outro, que será de ferro. E assim como o ferro quebra e doma tudo, assim elle quebrará e domará tudo. E quanto aos pés de ferro e de barro, quer dizer que este ultimo reino será em parte firme e em parte fragil, sendo que seus povos se não unirão entre si, assim como o barro se não une ao ferro.» E, como em conclusão, acrescentou: «Nos dias porém d'estes reinos, suscitará o Deus do Ceu um Reino que não terá fim e que esmigalhará a todos estes,» disse. E tal ouvindo, Nabucodonosor mais que maravilhado, se prostrou diante de Daniel e, ordenando que lhe sacrificassem victimas, lhe disse: «O teu Deus, ó Daniel, é o Deus dos deuses, o Senhor dos reis da terra!» E, dito isto, o encheu de presentes e o fez Governador de todas as suas provincias e Prefeito de seus magistrados sobre todos os sabios de Babilonia, nomeando ao mesmo tempo Superintendentes dos negocios da provincia os seus tres companheiros, Ananias, Mizaél e Azarias. V. *Estatua*.

ARIOCH. Rei de Ponto. V. *Thadal*.

ARISTOB. LO. Successor de João.

Foi feito prisioneiro por Pompeu, que tomou o seu legar, ficando a Judeia tributaria a Julio Cezar. Passados tempos alcançou Herodes o reino, sendo mais tarde confirmado por Augusto. V. *Tito*.

ATSENETH. Mulher de José filho de Jacob. Deu dois filhos a seu marido: Manassiz e Ephraim. Era filha de Putiphar, sacerdote de Heliopole.

ARKOLAMENTO. No 2.º anno da sahida do Egypto tinha a tribu de Rubem 46:500 homens de 20 annos e d'ahi para cima, capazes de pegar em armas; a de Simeão, 59:300; a de Gad, 45:650; a de Judá, 74:600; a de Issacar, 54:400. a de Zabulon, 57:400; a de José, 40:500; a de Manasséz, 32:200; a de Benjamin, 35:400; a de Dan, 62:700; a de Azer, 41:500; a de Nephthali, 53:400; total 603:550, não contando os filhos de Levi, escolhidos para o serviço do Tabernaculo, e que eram 22:000. que se achavam substituidos pelos 32:200 de Manasséz.

ASCENDENCIA. A de Christo é: Jesus filho de Maria, prima e esposa de José, filho de Jacob, filho de Mathian, filho de Eleazar, filho de Elin, filho de Aquim, filho de Sadoc, filho de Azor, filho de Eliacim, filho de Abiud, filho de Zerobabel ou Zorobabel, filhode Salathiel, filho de Jeconias, filho de Joaquim, filho de Jozias, filho de Amon, filho de Manasséz, filho de Ezequias, filho de Accaz, filho de Joatham, filho de Ozias, filho de Joram, filho de Jozaphat, filho d'Aza, filho d'Abias, filho de Reboam ou Roboam, filho de Salomão, filho de

David, filho de Jesse ou Izai, filho de Obed, filho de Ruth e de Booz, filho de Rahab e de Saluron, filho de Nahasson, filho d'Aminadab, filho de Aram, filho d'Esron, filho de Fares ou Phares, filho de Thamar e de Judá, filho de Lia e de Jacob, filho de Rebecca e de Izaac, filho de Sara e de Abrahão, filho de Thare, filho de Naccor, filho de Serug, filho de Reu, filho de Faleg, filho de Heber, filho de Sale, filho de Arfaixad, filho de Sem, filho de Noé, filho de Lamech, filho de Mathuzalem, filho de Henoch, filho de Jared, filho de Malaleel, filho de Caiman, filho d'Enos, filho de Seth, filho de Adão, obra das mãos de Deus.

AS DUAS MÃES. E' tão sabida a historia das *duas mães* que apenas diremos que, não sabendo Salomão qual d'ellas era a mãe da creança viva, ordenou que esta fosse partida a meio; e esta ordenação penalizou tanto uma das duas que accudiu em prantos: «Não, senhor, não! Não mandeis, te peço, matar a criancinha, porque eu não quero nada d'ella!» E assim pôde o sabio Rei, ouvindo a voz da natureza, entregar a criança viva a sua mãe.

ASCENEZ. Filho de Gomer filho de Japheth. Teve mais 2 irmãos: Ríphath e Thөгorma.

ASUELNEZ. Eunuco-mór de Nabucodonosor. Tendo sido encarregado por seu amo de escolher alguns mancebos israelitas de gentil presença, para que mais tarde viessem a servir diante do Rei, escolheu, entr'outros, a Daniel, a Ananias, a Mizaél e a Azarias, todos quatro da tribu de Judá, a quem chamou Balthazar, Sidrach, Mizach e Abdénage. V. *Magicos*.

ASSUERO. Rei da Assyria. No 3.º anno do seu imperio fez Assuero um convite a todos os grandes do seu reino para mostrar as suas riquezas, ostentar as suas grandezas, etc. etc., por espaço de 180 dias, findos os quaes deu um banquete que durou 7 dias, aonde os grandes e os pequenos bebiam por taças ou copos d'oiro, sendo toda a mais baixella do mesmo metal. Ao 7.º dia, porém, do banquete mandou o Rei chamar a Rainha, que n'outra parte se banqueteava com as suas damas e amigas, á sua presença para que todos os seus convidados vissem e admirassem a sua belleza, etc. etc., ao que Vasthi se recusou, desobedecendo assim ás terminantes ordens d'Assuero. D'aqui a historia d'Esther que levou o Rei aonde quiz em beneficio do seu povo. V. *Manucan, Esther e Mardoqueu*.

ASTAROTH. Cidade de Og Rei de Bazan. Foi tomada por Israel na sua chegada do Egypto.

ASTARTHE OU ASTAROTH. Deusa de

Sidon a que Salomão, arrestado por suas mulheres, chegou a prestar ou a fingir prestar culto, já no ultimo quartel da vida. V. *Moloch*.

ATHANIAS. Filho de Aziam da tribu de Judá. E' um dos principes que, depois da reedificação de Jerusalem, ficaram habitando n'esta cidade. Maazia filho de Baruc, foi outro, tambem da mesma tribu.

ATHALIA. Mãe de Occozias, filho de Joram Rei de Judá. Apenas soube que Jehu Rei de Israel havia matado a seu filho Occozias, fez morrer todos os seus netos, á excepção de Joaz que Jozabeth sua tia, isto é, tia do pequeno Joaz, furtou á morte, e reinou em lugar de Occozias. Foi seu reinado uma série de crimes que ainda durou cerca de 7 annos, tendo por sua morte subido ao throno seu neto Joaz. V. *Jozabeth*.

ATHENAS. Capital da Grecia. Estava tão votada á idolatria no tempo de S. Paulo, que alguns sectarios de Epicuro o levaram ao Areopago, para que elle alli dissesse o mesmo que pelas praças prégava, o que o apostolo fez com tal eloquencia que, ainda assim no meio de tão reluzentes trevas, conseguiu abrir os olhos d'alma ao areopagista Dionysio, a uma mulher de nome Damariz, e a mais alguns que o crêram.

AXA. Filha do principe Caleb. Othoniel filho de Cenez, irmão de Caleb, a ganhou em casamento na tomada de Cariath-Sepher, porque Caleb a tinha prometido áquelle que tomasse esta cidade, e Othoniel a tomou com raro denodo e singular atrevimento. V. *Othoniel*.

AZA. Filho de Abias e de Maacca. Succedeu a seu pae no throno de Judá no anno 20 de Jeroboam Rei de Israel. Sustentou Aza quasi continuas guerras com Baaza, Rei d'Israel, de que raras vezes deixou de sahir victorioso, chegando-lhe, ajudado de Benadab, Rei da Syria, a tomar todo o territorio de Neplitali, etc. etc., o que todavia o não impediu de fundar algumas cidades, nem de reedificar outras. Foi seu reinado bom até certo tempo; porém mais tarde tornou-se impio e mau. Reinou 41 annos em Jerusalem, tendo por sua morte subido ao throno seu filho Jozaphat. V. *Priapo*.

(Continua.)

ALVES D'ALMEIDA.

SECÇÃO HISTORICA

Madame de Maintenon

(15 de abril de 1719)

FRANCISCA d'Aubigné, depois chamada marquiza de Maintenon, foi

uma senhora notavel no grande seculo de Luiz XIV, tanto por suas virtudes, como por seus talentos, sendo o ornamento da côrte d'aquelle grande rei.

Alguns historiadores, sobretudo da seita philosophica, não rezam bem d'esta illustre madame: pintam n'a como se ella fosse uma famosa cortesã da côrte de Versailles!

Mas a historia não é monopolio do philosophismo. E a historia revolta-se contra essa errada apreciação. Madame de Maintenon foi adornada d'uma virtude pura, esclarecida e constante.

Escreptores insuspeitos teem celebrado as eminentes qualidades da marquiza, notando que ella pela sua virtude soube fazer mudar completamente o procedimento anterior de Luiz XIV.

Marsollier, deão da Igreja Cathedral de Vrês, seu contemporaneo, diz que madame de Maintenon foi no seu tempo a protectora de tudo o que se emprehendia para gloria de Deus e para utilidade da Igreja Catholica, e que por este motivo adquiriu a estima e a confiança do maior rei do mundo.

O delphim Luiz, neto de Luiz XIV e pae de Luiz XV, duque de Borgonha (não chegou a reinar), principe dotado de grandes virtudes christãs e moraes, dá um bello testemunho de Maintenon, que devo aqui consignar, porque parte d'um espirito justo e solido.

Eis as suas palavras:

«Madame de Maintenon é uma mulher que a Providencia tem elevado acima do seu primeiro estado, e que nunca d'elle se esqueceu; é uma mulher que se viu no cumulo do favor e que não teve ambição; não teve riquezas senão para soccorrer os desgraçados, nem credito senão para proteger os miseraveis; é uma mulher que não deu senão conselhos cheios de sabedoria, e que receiava sempre dal-os; é uma mulher que seria capaz de conduzir os maiores negocios, e que nunca quiz tratar d'outro negocio do que o da sua salvação.»

Está tudo dito para se conhecer o caracter da senhora de Maintenon.

Deve saber-se que o duque de Borgonha, cujo testemunho fica relatado, teve por preceptor o Arcebispo de Cambrai, o grande Fenelon, um dos Prelados mais virtuosos e amaveis da côrte de França. Foi para este principe que o illustre Prelado compoz o seu *Telemaco* e a maior parte das suas outras obras.

Agora algumas notas biographicas de madame de Maintenon, muito interessantes e curiosas: ella experimentou todas as vicissitudes da fortuna.

Nasceu Francisca de Aubigné a 27 de novembro de 1635, e nasceu n'uma prisão de Niort (França); porque seu

pae Constante de Aubigné e sua mãe Anna de Cardillac estavam encarcerados na occasião que ella veio á luz do mundo.

Constante de Cardillac era um furioso calvinista, amigo dos inglezes, e, tornando-se suspeito ao Cardeal de Richelieu, ministro de Luiz XIII, foi lançado n'uma prisão. Sua filha Francisca ficou orphã na idade de 12 annos.

Era menina de tenra idade quando foi transportada para a America; no alto mar, sendo acommettida d'uma gravissima molestia, julgou-se morta e esteve quasi a ser lançada ás ondas, o que se não effectou porque deu logo alguns signaes de vida. Um domestico, por descuido, deixou-a sobre a margem do mar quasi a ponto de ser devorada por uma serpente.

De todos estes perigos escapou a menina; mas em seguida foi duramente tratada por uma parente que a protegia depois da morte dos paes. Achava-se em Pariz, no anno de 1651.

N'esta epocha contrahiu matrimonio com o celebre poeta Paulo Scarron, homem burlesco e extravagante. Francisca tinha então 16 annos.

Custa a crer que ella quizesse consorciar-se com tal homem, com o poeta Scarron, de mais a mais sem bens de fortuna, se bem que d'uma familia antiga muito distincta e illustrada.

Pois é verdade; mas o que é certo é que madame Scarron (mais tarde Maintenon) foi mais companheira do que esposa do poeta burlesco, e conseguiu fazel-o mudar de costumes, como depois succedeu com Luiz XIV, quando ella entrou na côrte. Na companhia de Scarron, ella fez-se amar e estimar pelo talento da conversação, por seu espirito vivo, por sua modestia, por todas as virtudes que honram a mulher, digna d'esta especie.

Seu marido morreu a 27 de junho de 1660, e a sua viuva recahiu na miseria. Propoz-se-lhe um casamento que a poderia fazer feliz, mas ella recusou.

Ultimamente obteve de Luiz XIV uma avultada pensão, com a qual comprou o terreno de Maintenon, e d'aquí lhe proveio o nome porque geralmente é conhecida.

Admittida na côrte com o titulo de governanta, não tardou que ella conseguisse a confiança e amizade do rei.

Madame de Maintenon tinha muita virtude para tomar a qualidade de cortesã, mas pouco nascimento para aspirar á dignidade de rainha. Se, porem, lhe faltou este titulo, ella teve tudo o mais. Não occupou o throno, mas foi honrada tanto ou mais que se n'elle estivesse sentada. Foi esposa de Luiz XIV, e n'esta posição mais amada que nenhuma outra.



SERMÃO DA MONTANHA

Sim, Luiz XIV contrahiu matrimonio secreto com madame de Maintenon, matrimonio legitimo, revestido de todas as formalidades da Igreja, sendo dada a benção nupcial por Francisco de Harlai, Arcebispo de Pariz. Para este acto contribuiu, mais que nenhum outro, o P. Francisco de la Chaise, da Companhia de Jesus, confessor do rei, homem sabio e virtuoso.

A elevação de madame não a fez mudar de caracter: sempre modesta, humilde, bemfazeja, affavel, só viveu no retiro, na companhia de duas senhoras retiradas como ella.

Luiz XIV vinha todos os dias a casa de madame, depois do seu jantar, antes e depois de ceia. Ahi trabalhava com os seus ministros, enquanto Maintenon se occupava de leitura, ou d'algunha obra de mão, sem lhe importar os negocios do Estado, e parecendo até ignoral-os.

Desde então começou a exercer a caridade em grande escala. Em 1686 fundou em S. Cyro, villa pouco distante de Versailles, uma casa de religião e de educação de meninas, estabelecimento notavel pela observancia religiosa, e que foi o modelo de todas as casas d'este genero.

A morte de Luiz XIV em 1715, madame de Maintenon recolheu-se ao estabelecimento de S. Cyro de que foi fundador. A sua vida n'esta casa resume-se n'isto: estudo, oração, a pratica de todas as virtudes.

Ella mesmo ensinava a ler e escrever, a trabalhar de costura e desenho, a historia antiga e moderna, geographia, musica, e sobretudo o catecismo; e ensinava com toda a doçura e paciencia.

Falleceu esta illustre e santa senhora a 15 de abril de 1719. Tinha 84 annos de idade. Na casa de S. Cyro foi sentida a sua morte, porque ella era a mãe d'aquelle santo asylo; todos os pobres prantearam a falta da sua generosa bemfeitora.

Madame de Maintenon deixou varias obras muito estimaveis. Alguns preferem as suas *Cartas* ás tão famosas de madama de Sevigné. E' certo que são mais serias.

Cumprê, porem, notar que ha algumas edições inexactas, em que o texto da escriptora foi alterado em varias partes. N'este caso estão as *Memorias* que publicou La Beaumelle, escriptor pouco seguro em materia religiosa.

Madame de Maintenon foi uma senhora virtuosissima: em todos os estados da sua longa existencia portou-se sempre dignamente. E' o que manifesta a historia.

Pedro de Soto

(15 de abril de 1563)

Pedro de Soto, fallecido na cidade de Trento (onde assistia no Concilio como theologo do Papa) a 15 de abril de 1563, foi um dos grandes homens que no seculo XVI se empenharam na defeza da Igreja contra os herejes. Foi tambem consummado theologo e religioso exemplarissimo.

Pedro de Soto nasceu em Cordova (Hespanha) e professou na Ordem dos Prégadores, no convento de Santo Estevão de Salamanca.

Fez grandes progressos nas lettras, sendo doutissimo em theologia. Foi o primeiro que ensinou esta sciencia na Universidade de Dillingen (Allemanha), instituido em 1549 por Othão, Bispo de Augsburgo. Alli permaneceu até o anno de 1553, sendo então enviado á Inglaterra, a pedido da rainha Maria que era catholica e se esforçava em restabelecer completamente o catholicismo no seu reino.

Soto com inexplicavel ardor empreendeu aquella grande obra de renovar a fé na Inglaterra, apostolisando o evangelho n'este reino com outros religiosos da sua Ordem.

Infelizmente, morrendo em 1558, a piedosa rainha Maria, Pedro de Soto e os seus companheiros viram-se obrigados a abandonar a Inglaterra, que ficou de novo prostrada na heresia. Algum resto, porém, de fé, que alli se conservou, é devido a Pedro de Soto e aos religiosos da sua Ordem.

Regressando a Dillingen, desejava Soto viver aqui unicamente entregue ao estudo e á oração; mas não logrou por muito tempo este descanso, se assim lhe devemos chamar, porque a sua vida era um continuo lutar em beneficio da Igreja e do proximo.

Não tardou que o Papa Pio IV, conhecedor das suas lettras e virtudes, e querendo fazer concluir o Concilio de Trento, o enviasse como seu theologo áquella assembleia ecclesiastica, onde foi recebido com applauso e admirado como um oraculo por todos os Padres do Concilio.

Applicou-se alli com grande zelo ao bem e reforma da Igreja, á confirmação da fé e á extirpação das heresias, como referem todos os historiadores.

No meio de tantos trabalhos, Soto cahiu mortalmente doente, fallecendo a 15 de abril de 1563, com geral sentimento de todos os Padres do Concilio que lhe celebraram magnificas exequias.

O seu nome é celebrado por todos os escriptores, não só pelo seu procedimento no Concilio de Trento como theologo do Papa, mas pelas obras que

escreveu contra os herejes e sobre materia theologica. Na Ordem dos Prégadores é considerado como um dos primeiros theologos do seu tempo.

Mencionarei em particular um *Catecismo de doutrina christã* que elle compôz na lingua latina, e que é no seu genero obra de muito merecimento.

Esquecia-me dizer, mas ainda vem a tempo, que Pedro de Soto foi algum tempo confessor do imperador Carlos V. Foi expressamente, e contra a sua vontade, chamado a exercer este ministerio, quando vivia retirado no convento de Salamanca.

Poucos annos, porém, occupou este cargo, de que pediu escusa para voltar ao claustro. E d'aqui é que partiu para o Concilio.

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO LITTERARIA

Milicia Christã

2.ª PARTE

XIII

Os nossos exemplos

Casas sois bemditas—onde, Deus morando,
Puro, santo e branco—ente-se um gl'or:
V'ndo d'outras plagas—d'outras horizontes,
Onde estão as fontes-limpidas do amor.

Casa, onde mora—Deus, para consolo
Nosso n'este solo—triste do mortal:
Sea o como centro—norte, luz e guia
Do homem noite e dia—sempre celest'al.

Sois do parrizo—mystica lembrança,
Onde na privança—mos do Senhor;
V'er os horizontes—bellos, d'leitantes,
Onde seus amantes—gosam seu amor.

Temos em vós sempre—lar o santo abrigo,
Nesso Pae e amigo—vive sempre ali:
Terno está dizendo—sempre no sacrario—
—Filhos, do Calvario o Martyr mora aqui.

Vivo aqui d'amores—pelos qua cansados
Ides occupados—sempre no labor:
Santo, qua me agrada—sendo da obediencia
Servos, que na essencia—o sois do meu amor.

Vinde, que Eu amanto—dar-vos hei sustento,
Pureza, paz, alento,—p'ra poderdes ir:
Louge nos caminhos—da honra dos deveres
Merito e prazeres—santos a fruir.

Esta voz quem ouve—terna e tão sonora,
Vem e a Deus a ora—grato cov' amor:
Sente que no templo—vive um Deus amante,
Rende-lhe constante—mystico louvor.

São os nossos templos—casas solariegas,
Onde nunca cegas—sombas d'ira vão:
Nunca da soberba—amestras ostentosas,
D'almas generosas—rica ideia dão.

Sabios, nobres, ricos—pobres e ignorantes
Titulo bastantes—todos sempre teus:
Para orar devotos—ante seus altares,
Luz para seus lares—paz pedir tambem.

* * *

Todos ali somos—bons irrãos amantes,
Que irros supplicantes—pão pedir ao Fae:
Somos todos pobres—e Elle, rico e santo,
Sente nossc pranto—como terna Mãe.

Já na casa d'Elle—reina—amor sem tedio,
Todo mal remedio—busca lá também:
Magoas e remorso,—pens e amarguras
Sonhos e loucura—balsamo lá tem.

Tristes peccadores—que entram lá chorando,
São d'ali gosando—brizas d'um amor:
Terno, tão sublime—meigo, suave e santo,
Cessa todo pranto—sentem-se melhor.

Bella uma miragem—vinda do céu terna,
Que una paz eterna—traz ao coração.
E elle sente logo—chamma arder no imo,
Puro e santo mimo—d'alma dilecção.

Faz de pobre aldeia—corte um nosso templo,
Onde o Rei contemplo—vivo eterno está:
Rei do céu e terra—Rei omnipotente,
Santo o mais clemente—e sabio, Jehováh.

Villas e cidades—sobre mil topacios,
Dizem vos palacios—placidos do Rei:
Rico e esplendente—sabio, tão amante,
Rei dos reis prestante—luz da nossa lei.

Valles e colinas—montes, serranias,
Vemos estes dias—temp'os coroar:
Onde estão dizendo—filhos Deus vos chama,
Como quem vos ama—vinde-lhe adorar.

Terra pastorinha—e velho peregrino,
N'uta o seu destino—vão alli buscar:
Sabios, ignorantes—reis e magistrados
Vemcl-os prostrados—ante o vosso altar.

Templos sois escolas—onde virtude, arte,
Sciencia em toda parte—daes com profusão;
Casta, luz, espelho—graficos da historia,
Epica memoria—sois da tradição.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

Os anjos da Caridade

Curvae-vos, ó povos
Que as filhas dos crentes
Mil canticos novos
Entoam contentes!

Cantae, senhoras, de louvor um hymno
Ao Deus eterno que nos ceus habita;
Cantae, ó anjos, seu poder divino
Emquanto o mundo bacchanal crocital
Ao Rei dos reis
Das terras leis,
Cantae, senhoras, de louvor um hymno!

Cantae, ó anjos que na terra andaes,
Ao Deus dos crentes que vos faz bemditas;
Cantae A'quelle a quem sómente amaes,
Por Quem aos pobres... ministraes mil ditas!
De povo em povo
Um hymno novo,
Cantae, ó anjos, que na terra andaes!

Vós sois a vida do que rindo chora,
Conforto, amparo dos que choram rindo:
Vós sois o pão do que a desgraça adora
Na triste choça aonde ri carpindo!
Pedindo além
Por dar áquem
Vós sois a vida do que rindo chora!

Cantae, senhoras, que no mundo ris...
Carpindo sempre a pertinaz descrença
Que odeia o mundo, e mar e céos maldiz,
Captiva sempre, e sempre ao mal propensa!
Cá sobre a terra
Que em tudo aberra,
Cantae, senhoras, que no mundo ris!...

Vós sois os anjos que o Senhor envia,
Do pobre amparo, luz, amor, sorrir!
Vós sois o ceu a quem o céu confia
Do sol de Christo... o divinal fulgir!
Ao pobre enfermo
Que jaz no ermo,
Vós sois os anjos que o Senhor envia!

Cantae, senhoras, que a luz vem da altura,
E vós sois lumes que só Deus nos manda;
Cantae, ó anjos, sobre a terra dura,
Que vosso cauto os corações abraçad!
A lei divina
Que Christo ensina,
Cantae, senhoras, que a luz vem da altura!

Vós sois os anjos que ante o ceu rogais
Dos reis ao Rei pela nação captiva:
Vós sois aquellas que a sorrir chorais
As mil desgraças da descrença atival
Por quem sepulta
A fé que insulta,
Vós sois os anjos que ante o ceu rogais!

Cantae, senhoras, de louvor um hymno
Ao Deus eterno que nos céos habita;
Cantae, ó anjos, seu poder divino,
Emquanto o mundo bacchanal crocital
Ao Rei dos reis
Das terras leis,
Cantae, senhoras, de louvor um hymno!

ALVES D'ALMEIDA.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Nossa Senhora das Dores

(Vid. pag. 85)

ESTA festa celebra-se sexta-feira, communmente chamada das Dôres, que é a de paixão, em cujo dia se patentea a Senhora.

A festa de Nossa Senhora das Dôres que por ordem do Papa Bento III se celebra em toda a Egreja desde o anno de 1727, celebrava-se já antes em algumas dioceses particulares, e por ultimo o Papa Clemente X concedeu esta festividade a todas as egrejas de Hespanha a rogos da piedosa rainha D. Marianna d'Austria.

Estava junto á cruz de Jesus, Maria, sua Mãe, diz o Evangelho; era um mesmo o sacrificio, digamol o assim, um mesmo o holocausto o da Mãe e o do Filho; offereciam-se e padeciam mutuamente, diz Arnaldo de Chartres: *Omnino unum erat Christi, et Mariae holocaustum*. O amor tinha o logar de sacrificador; o amor immolava Jesus no altar da cruz para expiação de todos os peccados da linhagem humana; e o amor immolava Maria ao pé da cruz, fazendo-a soffrer todos os opprobrios e dôres, que padecia seu querido Filho. Mas o que poz o cumulo a esta

dôr incomparavel, o que foi como a espada que atravessou a alma da afflicta Mãe, foi quando já morto o baixaram da cruz, e o depozeram em seus braços.

Almas fervorosas e christãs, contemplai nos braços de Maria, morto e desfigurado seu amado Filho! De pedra seria nosso coração, se á vista de tanta amargura se não doesse compassivo.

*
*
*

Sermão da Montanha

(Vid. pag. 91)

Jesus deu a seus apóstolos o poder de curarem os doentes e expulsarem os demonios, para que podessem confirmar a sua doutrina com milagres. Depois desceu com elles do alto da montanha. Quando chegou ao meio da encosta, parou n'uma especie de plataforma para dirigir a palavra á turba que tinha accudido de toda a Judéa, do litoral e até do paiz de Tyro e Sidonia para o tocar e ser curada.

Depois de olhar para os seus discipulos, disse-lhes: «Bemaventurados os pobres de espirito, porque d'elles é o reino dos céus. Bemaventurados os mansos, porque elles possuirão a terra. Bemaventurados os que choram, porque serão consolados. Bemaventurados os que teem fome e sede de justiça porque serão fartos. Bemaventurados os misericordiosos porque alcançarão misericordia. Bemaventurados os limpos de coração, porque elles verão a Deus. Bemaventurados os pacificos porque serão chamados filhos de Deus. Bemaventurados os que soffrem perseguição por amor da justiça, porque d'elles é o reino dos céus.

«Vós sereis felizes quando os homens vos detestarem, amaldiçoarem, perseguirem e disserem falsamente toda a especie de mal contra vós por amor de mim. Regosijae-vos então e estremecei de jubilo, porque o vosso premio será grande no reino dos céus. Pois foi assim que elles trataram os prophetas que viveram antes de vós.

«Mas ai de vós rcos, pois já tendes cá na terra a vossa consolação. Ai de vós que estaes fartos, porque um dia tereis fome. Ai de vós que rides agora, porque virá tempo em que chorareis e vestireis luto. Ai de vós quando os homens vos applaudirem, porque já seus paes assim faziam com os falsos prophetas.»

RETROSPECTO

REVISTA POLITICO-RELIGIOSA

Porto, 14 d'abril de 1898

Semana santa.—Lusimento das solemnidades nos templos do Porto.—A chuva benefica para os campos.—A greve dos carreteiros.—Logro em que os pobres cahiram por acompanharem os ricos.—Combinações diplomaticas.—Guerra hispano-americana.

Celebraram-se n'esta cidade, com o maximo esplendor, como aliás é costume em todos os annos, as solemnidades da semana santa. Desde o officio de Ramos, em que a Egreja solemnisa a triumphal entrada do Divino Mestre em Jerusalem, até á resurreição do Salvador, celebrada no domingo de Paschoa, todos os templos estiveram repletos de fieis, intimamente unidos com a Santa Madre Egreja, commemorando a morte e paixão de Jesus Christo, que viera ao mundo offerecer-se em holocausto, para remir os peccados do genero humano.

O tempo jovialmente primaveril de quinta-feira santa e de sexta-feira da paixão muito contribuiu tambem para o lusimento das edificantes solemnidades dos nossos templos, permittindo que toda a gente que quiz adorar o Homem-Deus, que morreu para nos salvar, tivesse amplo ingresso onde essas imponentes consagrações se celebravam.

E, apesar de ter apparecido no domingo de Paschoa a athmosphera coberta de densos vapores aquosos, prometendo eminente chuva, ainda assim se conservou o tempo sereno, para que todos os fieis podessem assistir ás ultimas solemnidades. E só na segunda-feira a chuva nos visitou, para alegrar o lavrador, que de ha muito a solicitava, afim de beneficiar a agricultura, pois que a vegetação, resequida pela aridez da quadra que atravessavamos, muito carecia d'esse auxilio. Até n'isso a Providencia se mostrou compassiva connosco.

E passando nós, n'esta rapida transição, graças á fecundante chuva, das solemnidades religiosas para o elemento agricola, lembrou-nos dizer alguma coisa ácerca da greve dos carreteiros, que durante quatro dias conservou a cidade em sobresalto, causando grande transtorno ao commercio, que se viu impossibilitado de transportar as suas mercadorias, por falta dos costumados meios de conducção. Não quizeram os carreteiros, desde o primeiro d'abril, trazer os seus carros, *para o ganho*, allegando, como razão, exigir-lhe a lei uma licença comprovativa de terem pago, por trimestres, a contribuição

industrial que a lei anterior lhes exigia annualmente. Ora isto não podia ser razão convincente, nem a era effectivamente, porque ninguem podia levar a mal, que, tendo de pagar uma divida por uma só vez, lh'a permittissem pagar em prestações. A razão era outra. Havia lavrador que trazia *ao ganho* trez e quatro juntas de bois, e pagava a contribuição industrial exactamente como o seu visinho que tinha só uma junta, e que por consequencia auferia muito menores ganhos. E como a lei exigia que cada conductor de carro fosse portador d'uma guia, com o numero d'esse carro, seguia-se que o dono das quatro juntas de bois, podendo trazer em giro quatro carros, tinha de pagar o quadruplo do que pagava o seu visinho, que não podia trazer senão um carro só. D'ahi o desgosto, e a opposição em que o rico envolveu o pobre, que não comprehendeu o logro em que cahia, acompanhando o rico n'esta pretensão. Foi necessario que a auctoridade interviesse, primeiro amigavelmente, e depois com severidade, para que os grévistas voltassem ao cumprimento dos seus deveres. E, é preciso notar-se, como as coisas ainda estão em combinações, *por vias diplomaticas*, veremos em que tudo isto fica.

O que é forçoso dizer-se é que toda a gente de bom senso esteve do lado da auctoridade, lamentando não ter ella sido mais severa n'esta questão, porque não era justo que toda uma cidade estivesse á mercê de meia duzia de especuladores, que para obter os seus fins, se quizesse fazer superior á lei.

Nada digo ácerca da questão hespanhola-americana, porque, apesar dos bons desejos do Summo Pontifice, cujo coração paternal anciava pela paz, ainda nada está resolvido, não se sabendo em que as coisas ficarão.

Oxalá que para a proxima revista já podesse dar os parabens aos leitores, por se ter resolvido que a paz não seria alterada.

A.

Responso a Santo Antonio

Se milagres desejaes
Recorrei a Santo Antonio,
Verereis fugir o demonio
E as tentações infernaes.

Pela sua intercessão
Foge a peste, o erro, a morte,
O fraco torna-se forte
E torna-se o enfermo são

Recupera-se o perdido,
Rompe-se a dura prisão,
E no auge do furacão
Cede o mar embravecido.

Todos os males humanos
Se moderam, se retiram,
Digam-n'o aquelles que o viram
E digam-n'o os Paduanos.

Gloria ao Pae, ao Filho e ao Espirito Santo.

ÿ Rogae por nós, bemaventurado Antonio.

ÿ Para que sejamos dignos das promessas de Christo.

Oremos.—O' Deus, nós vos supplicamos, alegre a Vossa Egreja a solemnidade votiva do bemaventurado Antonio, Vosso Confessor, para que seja sempre defendida com os auxilios espirituales e mereça gosar os prazeres eternos. Por Nosso Senhor Jesus Christo. Amen.

Sua Santidade Pio IX, por Decreto *Urbi et Orbi* de 25 de janeiro de 1866, e a instancias do Geral dos Menores Conventuaes de S. Francisco, benignamente concedeu cem dias de indulgencia por cada vez, a todos os fieis d'um e outro sexo que, com o coração ao menos contricto, recitarem devotamente o Responso: «Si quaeris miracula» com o versiculo e oração annexa em honra de Santo Antonio de Padua.

Aos fieis, porém, que recitarem as sobreditas preces ao menos uma vez por dia, durante um mez inteiro, concedeu Sua Santidade indulgencia plenaria n'um só dia do mez á escolha dos fieis, comtanto que n'esse dia, tendo-se confessado e commungado, visitem devotamente alguma egreja ou oratorio publico e ali orem por algum tempo segundo a intenção de Sua Santidade.

Dado em Roma, na Secretaria da Sagrada Congregação das Indulgencias, a 25 de janeiro de 1866.

(Acta S. S., vol. 2.º, pag. 34 e 35).

Um bom Padre

Ha em Paris um cura d'almas, que tem por patrimonio um grande predio de casas, situado nos peiores bairros da cidade.

Este sacerdote exemplar reside no seu presbyterio, e mandou dividir o predio em pequenos aposentos que aluga gratuitamente aos operarios pobres com a *condição unica* de viverem uma vida honesta e virtuosa.

De tempos a tempos vae elle pessoalmente examinar se os inquilinos cumprem as *condições do aluguel*; se é mantido o aceio e se dividem o tempo entre a assiduidade do trabalho e as obrigações da familia.

Quando vê que tudo corre de harmonia com os seus desejos, qual não é a alegria d'este excellente *proprietario*!

Chama a isto receber as suas *rendas* e recolhe para o presbyterio mais con-

tente e ufano do que se fôra carregado de riquezas.

Se algum dos inquilinos adocece ou não tem trabalho, corre presuroso para junto d'elle, e servindo-lhe de amparo na miseria e de alivio na desgraça, desempenha n'este mundo as vezes d'Aquella que nos mandou praticar o bem, soccorrendo os infelizes em nome d'Elle!

Exemplo admiravel e que sáe o d'ensinamento elle não encerra!

Protestantes corridos

Em Saragoça a propaganda protestante acaba de receber um valente cheque. Foi tamanha a animosidade que encontraram, quando os propagandistas ahi quizeram estabelecer-se, que se viram obrigados a fugir. E isto não só em Saragoça, mas em toda a provincia. Ainda assim tentaram alugar uma casa, para estabelecer uma capella evangelica, mas não foi possível encontrarem quem, para esse fim, a quizesse alugar!

Se por toda a parte assim fizessem, não teriam elles feito tanto mal.

Um bom missionario

A academia de Lyon acaba de conceder um premio de 10:000 francos ao Padre Pionnier, da Sociedade de Maria, pro-vigario das Novas Hebrides, que são, como se sabe, o complemento da Nova Caledonia.

E' tamanho e tão importante o serviço feito por este ecclesiastico á Igreja e á civilisação, que a união colonial franceza disse: «Se, como se deve esperar, chegarem um dia a ser francezas as Novas Hebrides, dever-se-ha isso, em grande parte aos esforços do Padre Pionnier.»

Aplicações da glicerina

São mui variadas as applicações da glicerina. Empregada na limpeza e conservação do calçado das senhoras, torna o cabedal macio, e flexivel e não suja os vestidos.

A transpiração abundante dos pés diminue, friccionando todas as noites a sola dos pés, com um composto de uma parte de alumen calcinado e duas de glicerina, e lavando, pela manhã, com agua tepida.

Cem grammas de glicerina addicionadas á agua em que nos banhamos, tornam a pelle macia e fresca.

Nas constipações e na tosse, uma ou duas colheres de sopa de glicerina em uma chicara de leite bem quente, produzem melhoras quasi immediatas.

Uma colher de sopa de glicerina duas ou tres vezes ao dia dá o mesmo resultado do oleo de fígado de bacalhao.

Finalmente para a anemia e falta de

forças, nada ha melhor que uma mistura de duas partes de glicerina com uma parte de carvão vegetal em pó.

Um apostolo aos 7 annos

Conta o *Dimanche Catholique* que um menino de sete annos, que frequenta o asylo das Irmãs de Caridade d'uma pequena cidade do departamento do Loire-Inferior (França), admirado de seu pae o não acompanhar um domingo á missa, como costumava, (porque, tendo assistido a alguns conciliabulos de operarios, entendeu que podia prescindir de orar a Deus), perguntou-lhe o motivo porque não o acompanhava.

— Não; de hoje em diante irás com os outros meninos da escola. Eu nunca mais te torno a acompanhar, porque o domingo é um dia como os outros, e é preciso trabalhar para comer.

— Papá— retorquiu a creança, curvando-se resolutamente diante do operario, não é possível que mudasse assim de repente. Porém, já que isso assim é, deixarei de comer ao domingo, e o papá não será obrigado a trabalhar para mim.

O operario não era perverso, e por isso escutou as palavras do filho, que lhe fizeram recordar a sua existencia anterior, cheia de fé e de contentamentos. Não pôde conter as lagrimas, e abraçando o filho, murmurou:

— Tens razão, meu filho. Irei contigo todos os domingos á missa. Nunca mais escutarei os discursos dos inimigos da religião, que tentavam desviar-me dos meus deveres.

E cumpriu a sua palavra, porque todos os domingos ia assistir devotamente á missa, em companhia do seu querido Paulo, e depois passeava á beira do mar, conversando alegremente com elle, e mostrando-se muito satisfeito.

Maximas

O meio de não succumbir na lucta contra o mal é a educação da vontade na escola do sacrificio.

Ex.^{mo} Arcebispo d'Evora.

Se a infancia aos olhos dos pagãos era digna de attenções e respeito, aos olhos dos christãos, é mais que respeitavel, é sagrada.

O mesmo.

O superfluo do rico é o patrimonio do pobre: não dar é roubar.

Padre Eeguerry.

Não é o pobre que deve agradecer ao rico, mas sim o rico que tem de agradecer ao pobre, porque este lhe abre as portas do céu.

O mesmo.

As eleições em França e a oração

Os catholicos francezes estão deveras empenhados nas proximas eleições. Trabalham como homens, mas oram como christãos. Parece que confiam mais na oração do que nos seus proprios trabalhos.

Um catholico escreve á *Croix*:

«Esperamos menos das habilidades humanas do que da Liga da Ave Maria.

«Sei d'uma christã que mandou á Liga da Ave Maria de Lille uma contribuição de dois milhões d'Ave Marias por mez até ás eleições, para a salvação da França.

«Sei tambem que 160 mosteiros prometteram um jejum a pão e agua pelas mesmas intenções.

«Sei que mulheres christãs oppoão egual mortificação aos desvarios da incredulidade, do exercito satanico e da sensualidade.»

E este fervoroso catholico conclue:

«E depois d'isto o que succederá? A fé e a piedade terão feito o que podiam; a Rainha do Ceu e o Sagrado Coração farão o resto.»

Grande falsificação d'alimentos

Descobriu-se ultimamente em Brescia (Italia), uma grande fraude alimenticia. As auctoridades d'aquella cidade apprehenderam quatro mil quintaes de farinha misturada com gesso. Depois d'algumas investigações feitas pela policia, foram apprehendidas mais farinhas igualmente falsificadas, e presos numerosos padeiros de Brescia e de Milão.

EXPEDIENTE

Regamos aos nossos estimaveis assignantes da provincia, que se encontram em divida para com este jornal, o especial obsequio de nos enviarem a importancia das suas assignaturas em carta registada ou vale postal, dirigida ao actual administrador do "Progresso Catholico," José Fructuoso da Fonseca, afim de evitar que lhes enviemos os nossos recibos pelo correio. E' uma fineza que lhes ficaremos devendo e a que de certo se não recusarão, attendendo a que o nosso jornal vive unica e exclusivamente da importancia das suas assignaturas.

NOVENA DO ESPIRITO SANTO

PELO
P.^c MANOEL MARINHO

*Approvada e indulgenciada
POR*

S. Em.^a o Sr. Cardeal D. Americo,
Bispo do Porto

1 vol. broch. 100 reis
1 » enc. 150 »

A' venda no escriptorio do editor,
rua dos Martyres da Liberdade, 165,
Porto e em todas as livrarias.

PADRE AFFONSO MUZZARELLI

MEDITAÇÕES

PARA

O MEZ DE MAIO

Piedosos e lindos colloquios
com a SS. Virgem para todos os dias e tocantes
exemplos extrahidos das obras de

SANTO AFFONSO MARIA DE LIGORIO
e de outros bons auctores

Com permissão do Em.^{mo} e Rev.^{mo} sr. Cardeal
D. Americo, Bispo do Porto

QUARTA EDIÇÃO

Preço. cart. 150 reis
Broch. 100 »

CONDE DE SAMODÃES

O MEZ DE MAIO

Consagrado á Santissima Vir-
gem mãe de Deus

Novo manual para os exercicios de devoção
n'este mez, com a collaboração poetica de
Antonio Moreira Bello.

Com permissão e approvação do Em.^{mo} Sr.
Cardeal Bispo do Porto

Que concede cem dias de indulgencia
por cada leitura da Meditação de um dia

Preço. encadernado. 400 reis

HISTORIA

DE

S. FRANCISCO DE SALLES

PELO

MARQUEZ DE SÉGUR

Tradução da 18.^a edição fran-
ceza, por M. Fonseca

Preço. broch. franco de (porte).
600 reis.

AS CHAMMAS

DO

AMOR DE JESUS

OU

Provas do ardente amor

Que Jesus Christo nos tem testemunhado
na obra da nossa Redempção

PELO

ABBADE D. PINNARD

Traduzido pelo rev. sr. Padre Silva, professor
do Collegio de Cucujães — Precedida de uma
carta encomiastica de Monsenhor Rodrigues
Vianna, dignissimo director espirital dos
Seminarios diocesanos do Porto

E' um livro precioso e já conta as
valiosissimas approvações e recommen-
dações do Eminentissimo Senhor Car-
deal D. Americo, Bispo do Porto—
Eminentissimo Senhor Cardeal Patriar-
cha de Lisboa, e dos Excellentissimos
e Reverendissimos Senhores Bispos de
Angra, de Macau, do Funchal e Arce-
bispo Bispo do Algarve.

Encadernado. 600 reis
Pelo correio 640 »

Este precioso livro é muito recom-
mendável para o santo tempo da

QUARESMA

para o que tem

Quarenta devotissimas meditações

Tudo por Jesus

OU

CAMINHOS FACEIS DO AMOR DIVINO

PELO

P.^c Frederico William Faber

Superior do Oratorio de S. Filippe de Nery
de Londres, Doutor em Theologia

Obra traduzida do inglez para o francez

POR

M. DE BERNHART

e d'esta lingua para o portuguez

POR

M. Preto Pacheco

1 VOL. BROCH. 600; ENC. 800

HORAS DE PIEDADE

OU

Orações Selectas

Com approvação e recommendação de S. Em.^a
o Sr. Cardeal Ferreira dos Santos Silva,
Bispo do Porto

NONA EDIÇÃO

Coordenada e consideravelmente
augmentada

1 vol. enc., 250

edição de luxo, 500

TYPOGRAPHIA

DE

JOSÉ F. DA FONSECA

71—RUA DA PICARIA—74

Encarrega-se de todos os trabalhos
pertencentes á typographia. Toma con-
ta de livros para encadernar, escultu-
ra de imagens de todos os tamanhos,
assim como de paramentos para egre-
jas, etc., etc.

Tambem se imprimem bilhetes de
visita.

Todas estas obras se vendem em casa do editor, Rua da Picaria, 74—Porto

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios. 1500 reis—Estados da Italia, China, e America, 15280 réis, moeda portugueza—
Numero avulso 100 réis

As assignaturas são pagas adeantadamente

Tudo o que se refira ao PROGRESSO CATHOLICO deve ser enviado a JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA
na rua da Picaria 74—PORTO.

Typ. Catholica de José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—Porto